

Olhar sobre as frestas da cidade: entrevista com Thiago Allis

Gaze through the cracks in the city: interview with Thiago Allis

**Camila Maria dos Santos Moraes¹,
Frank Andrew Davies²**

1. Professora Titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Doutora em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3367-8243>
camila.moraes@unirio.br

2. Professor Adjunto e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Vila Velha, Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). <https://orcid.org/0000-0001-7340-627X> **daviesfr@gmail.com**

Resumo: Nesta entrevista, o professor e pesquisador Thiago Allis, por meio de sua análise sobre as experiências acumuladas em sua trajetória profissional, apresenta um conjunto de observações, proposições e perspectivas sobre o fenômeno turístico nas grandes cidades contemporâneas. São abordados temas como a relação entre turistas e moradores, os impactos da adoção do modelo de negócio da Airbnb (airbnbzação) na dinâmica imobiliária urbana e os benefícios analíticos decorrentes da priorização do tema das mobilidades nos estudos urbanos. Como proposta teórico-metodológica para essas investigações, Allis valoriza o diálogo entre diferentes campos de conhecimento e enfatiza a importância de uma postura atenta às “frestas” urbanas, explorando tópicos

ocultos e frequentemente tratados como zonas de interstício, mas que merecem igualmente uma abordagem investigativa cuidadosa.

Palavras-chave: Estudos urbanos. Turismo urbano. Mobilidades. Projetos urbanos. Cidades.

Abstract: In this interview, the associate professor Thiago Allis presents a set of observations, propositions, and perspectives about the phenomenon of urban tourism in contemporary cities based on his analysis of the experiences accumulated throughout his professional career. Themes such as the relationship between tourists and residents, the impacts of the adoption of the Airbnb business model (airbnbization) on urban real estate dynamics, and the analytical benefits resulting from prioritizing the topic of mobilities in urban studies are addressed. As a theoretical and methodological proposal for these investigations, Allis values the dialogue between different fields of knowledge and emphasizes the importance of an attentive approach to urban the cracks, exploring hidden topics that are often treated as interstitial zones but equally deserving of careful investigative attention.

Keywords: Urban studies. Urban tourism. Mobilities. Urban projects. Cities.

Introdução

Turismólogo pela Universidade de São Paulo, Thiago Allis fez as malas a fim de compreender o turismo enquanto fenômeno urbano. Concluiu seu mestrado em Integração da América Latina pela mesma universidade, onde também se doutorou em Arquitetura e Urbanismo na área de Planejamento Urbano e Regional. Atualmente, Thiago é livre docente e professor associado do curso de Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Ao longo de sua trajetória, foi professor visitante na Universidade de Viena, na Áustria, e trabalhou ainda na Universidade Nacional Timor Lorosa'e, no Timor Leste. Thiago também lidera o grupo de pesquisa Mobilidades e Turismo (MOBTUR) e contribuiu, em parceria com a socióloga e professora Bianca Freire-Medeiros, com a tradução e comentários à versão brasileira do livro *O olhar do turista 3.0*, versão atualizada da obra clássica de John Urry, escrita, nessa edição, em parceria com Jonas Larsen, em 2011.

Em formato virtual, na tarde de 07 de fevereiro de 2023, Thiago Allis se reuniu com Camila Moraes e Frank Davies, professores de cursos de Turismo em universidades públicas de São Paulo e Rio de Janeiro (USP, UNIRIO E UERJ, RESPECTIVAMENTE), duas das maiores cidades do país. Temas relacionados a práticas turísticas e transformações urbanas foram discutidos sob diferentes possibilidades, levando em conta contextos particulares, como a pandemia pela Covid-19, mas também questões de longo alcance, como a relação entre moradores e turistas.

A partir desse diálogo, buscamos entender quais são os principais desafios à compreensão do fenômeno turístico nas cidades, chamando a atenção para a complexidade de fatores e elementos que participam de tal fenômeno configurados em aspectos culturais e sociais necessariamente situados. A partir da leitura da entrevista fruto desse encontro, esperamos que o reconhecimento desses limites interpretativos não esvazie os ânimos para novas pesquisas, mas que, sim, sirva de inspiração a novas possibilidades de enquadramento e reflexão para o debate.

A trajetória de Thiago como pesquisador reflete a busca por um caminho de análise que opere sob os interstícios daquilo que se revela como práticas e representações dominantes da cidade. Sob as frestas, lança um olhar crítico e criativo ao tema dos projetos urbanos e das mobilidades turísticas, que colocam em evidência as questões da ordem do dia e redimensionam as perspectivas convencionais.

Entrevista

Frank Davies: Thiago, sua formação como turismólogo foi complementada com o doutorado em Arquitetura e Urbanismo, fazendo assim cruzamentos entre as fronteiras analíticas dos estudos urbanos e do Turismo. Como você avalia esse percurso acadêmico? De certa maneira, considera que sua trajetória reflete a busca por compreender o fenômeno do turismo urbano?

Thiago Allis: Por conta dessa formação não linear, vindo do Turismo e trabalhando com turismo, mas recheada de outras passagens em outros lugares, né?... Eu gosto de contar essa história porque eu sempre brinco que vou e volto. Eu fui à Arquitetura e ao Urbanismo, mas para voltar para o Turismo, ou seja,

nunca foi uma vontade de fazer um doutorado em Arquitetura e Urbanismo porque o Turismo me entristecesse ou não me surpreisse. Talvez as referências de Turismo não me surpreissem, mas a ideia de continuar estudando Turismo e fazer um estudo de Turismo mais robusto era o que me motivava a buscar outras áreas. Assim, uma escola de Arquitetura e Urbanismo estava no meu radar desde sempre, desde a graduação. E há esse mantra que normalmente norteia os pesquisadores e as pesquisadoras de que Turismo é interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar, mas às vezes é muito fracamente operacionalizado e experienciado. A gente reconhece a necessidade dessa inter, multi, transdisciplinaridade que é factual e visível, mas, muitas vezes, a gente não faz isso. E, quando escolhi fazer um doutorado em Arquitetura e Urbanismo, a ideia era mergulhar na área, fazer disciplinas, me servir de leituras, me articular com os eventos da área com a plena consciência de que não era arquiteto e urbanista. E, como eu disse, não busquei a Arquitetura por uma frustração com o Turismo, mas com esse compromisso de buscar referências para tentar explicar e entender melhor essa conjugação de fenômenos no Turismo Urbano, algo que fiz na tese de doutorado, que eu defendi lá em 2012.

Uma das coisas que eu falo desde o começo, e venho defendendo há mais de dez anos, é que a ideia não era tratar Turismo Urbano como segmento de mercado ou como nicho, que é o que costuma acontecer em boa parte das abordagens de administração e gestão. A minha ideia era sintetizar o encontro desses fenômenos e questionar como se dava a participação do turismo em contextos urbanos, principalmente de grandes cidades, porque eu me dediquei a estudar a cidade de São Paulo na sua condição metropolitana. E acho que é um marcador interessante. Existe uma forma de beber de outras fontes, construir novos entendimentos, melhorar, avançar e rever as nossas formas de fazer pesquisa e entender turismo em grau, densidade e complexidade condizentes com quem vem da área do Turismo. E, ao mesmo tempo, contribuir nessas outras áreas com conhecimentos sobre turismo, além de pautar um pouco o debate sobre turismo naquela outra área, ou naquela outra frente.

Frank Davies: Levando em conta os temas de interesse e pesquisa que têm sido desenvolvidos na interface entre os estudos urbanos e do Turismo, parece despontar, em certas circunstâncias, ao mesmo tempo em que permanece

constante em suas análises, a discussão em torno das aproximações e diferenças entre turistas e moradores nas cidades. Você considera ser esse um assunto recorrente em suas reflexões? Em tempos “*instagramáveis*”, como avalia esse tema na atualidade?

Thiago Allis: Eu acho que cada vez mais esse assunto é relevante. Eu não vou focar na reafirmação de que depois da pandemia muitas coisas foram escancaradas, né? Nem precisaria de uma pandemia para a gente perceber que certas relações de usos, de sujeitos, de territorialidades se confundem. E isso era uma das coisas que me motivava, por exemplo, a fazer a pesquisa de doutorado há mais de 10 anos. São elementos em que eu e muitos outros pesquisadores cada vez mais nos debruçamos para tentar justamente construir um conhecimento específico a partir das frestas. Eu gosto muito dessa imagem do interstício, da fresta, daquele cantinho escondido. Desse encontro de diferentes áreas de conhecimento, mas de questões práticas também. É por isso que essa história de chamar Turismo Urbano de segmento é muito pouco. É preciso entender o que se passa nesse encontro entre turismo e cidade e por que os comportamentos se mesclam e se misturam, se confundem na prática nas cidades grandes. Porque elas permitem essas reflexões¹. Em cidades ou escalas menores isso já é um pouco mais difícil. Mas, pensando em grandes cidades, principalmente, é nítido. E eu não preciso ficar elucubrando muito para perceber que moradores de décadas de uma cidade têm comportamento de turistas, essa é a ideia do *comportamento espacial*. A gente pode usar essa expressão². É

1. Esta nota e as seguintes são comentários dos entrevistadores e organizadores do número e não refletem a opinião e o conteúdo da entrevista. Com as notas, pretendemos indicar conteúdos e situar alguns temas. Nesta primeira intervenção ao texto, vale mencionar que a teoria social trata das cidades enquanto experiências sociais que acomodam diferentes formas individuais, ao menos desde Georg Simmel e o clássico *A metrópole e a vida mental*. Mais recentemente, a abordagem sociológica de John Urry com ênfase nas mobilidades tem oferecido contribuições analíticas sob variadas possibilidades, das quais pesquisadores como o Professor Thiago Allis têm se apoiado para seus esforços investigativos.

2. No artigo Turismo Urbano em São Paulo: reflexões teóricas e apontamentos empíricos, publicado por Allis em coautoria com a professora Heliana Comin Vargas na revista Turismo em Análise (v. 26,

ela que informa um pouco sobre essa necessidade de a gente olhar para sujeitos que seriam simplesmente enquadrados como moradores, portanto, no oposto do turismo. No entanto, esses moradores podem desempenhar uma função turística na cidade porque se comportam como tal.

Se a gente for brincar com outro lado, que turistas típicos querem se sentir moradores, basta olhar a linguagem que o Airbnb vende, já é quase um bordão³, mas acho que é o jeito mais fácil de visualizar um pouco dessa vontade, que não é de agora, do turista não querer ser turista porque tem um certo aspecto pejorativo, especialmente em sociedades mais, digamos, familiarizadas com turismo há mais tempo, ou seja, onde o turismo é tido como algo banal. “Eu faço alguma coisa diferente disso” e não necessariamente no campo do ultra exclusivo luxuoso, mas simplesmente tentando me diferenciar e me misturando numa realidade local cotidiana. Como o Airbnb já captou, tem gente do tipo *live like a local*, nem que seja por uma noite. Eu gosto de quando me perguntam sobre isso e de usar essas referências porque não é querer ficar procurando coisa nova para pesquisar porque enjoei das outras; basta olhar para o lado e a gente vai perceber que essa sobreposição entre comportamentos está dada. E se a gente for na Filosofia, na Sociologia, na Antropologia, vemos que essa indistinguibilidade de prática, conceitos, de modos de vida e de interpretações do mundo está sendo feita há décadas. Quando o Baudrillard, nos anos 1960, falava do fim das grandes narrativas como fundantes da pós-modernidade, o fim dessa binaridade do mundo em que a gente um dia acreditou... ou seja, já

n. 3, ago 2015), uma pesquisa sobre o perfil de visitantes dos principais pontos turísticos da capital paulista indicou que a maioria eram moradores da própria região metropolitana. Dessa perspectiva, a atividade turística enquanto *comportamento espacial* é feita em diálogo com outro estudo sobre o perfil de “consumidores do lugar” em uma cidade australiana e publicado em 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v26i3p496-517>>. Acesso em 3 maio 2023.

3. O tema do Airbnb e dos seus efeitos às formas de consumo e frequência dos espaços tem sido desenvolvido por diferentes estudos e perspectivas. Nesta dissertação de mestrado de Rosa Alexandra da Fonseca, defendida em 2020, a análise da narrativa publicitária da empresa justifica em parte seu sucesso comercial. Para acessar o trabalho completo: <<https://tede2.espm.br/handle/tede/501>>. Acesso em 3 maio 2023.

falam disso há décadas e não levamos muito isso para os estudos do Turismo, particularmente na interface com as cidades, onde a sobreposição de situações é a mais absoluta possível. Talvez em uma cidade pequena, do mundo rural, as relações, as paisagens, os processos sejam mais distinguíveis, identificáveis nas suas particularidades, mas na grande cidade é tudo junto ao mesmo tempo, sim, e se misturando. É aí que entra essa necessidade de a gente olhar com cuidado para essas categorias ensimesmadas que nos vendem nos estudos de Turismo há muito tempo. Acho que isso já está melhor nos últimos anos, mas, ainda assim, permeia uma boa parte da lição número zero de quem é estudioso de Turismo. Você tem um morador que recebe o turista na sua cidade como se fosse a única relação possível entre eles, e disso decorrem processos espaciais, pois nós temos apenas dois sujeitos possíveis comportando-se apenas do jeito que um dia disseram que eles deveriam se comportar. É aí que eu acho que a gente tem que questionar, na posição de um pesquisador, de um docente de Turismo, as definições mais clássicas que seguem sendo consumidas de forma indiscriminada. Ou seja, se na história das ideias e na vida contemporânea isso é tão misturado, por que nos estudos de Turismo, que têm a sua interface com a cidade, a gente não vai reconhecer isso, não vai colocar esforço para reinterpretar o próprio fenômeno e, a partir disso, construir teoria nova?

Frank Davies: Pensando nesse descompasso das reflexões teóricas, frente a uma realidade tão múltipla e diversa, pensando na sua trajetória e na sua tese em relação aos dias de hoje, você acha que novos temas ou novos assuntos têm despontado dentro dos estudos do Turismo Urbano? Acha que certas questões, mesmo que não sejam recentes, estão emergindo nesse momento atual em relação, por exemplo, ao cenário em que você trabalhou sua pesquisa de doutorado?

Thiago Allis: Eu acho que tem novos enquadramentos, novas combinações de enfoques e sensibilidade no processo de construir um olhar de pesquisa. É um jeito diferente de olhar as mesmas coisas, digamos assim. Por isso que eu brinquei com essa figura de linguagem da fresta, do canto escuro, de fuçar onde não se foi, de combinar categorias de análise, teorias de referência que produzem interpretações diferentes sobre coisas que, de repente, sempre estiveram lá. Então acho que esse é o primeiro ponto: olhar diferente para as mesmas

coisas. Mas é fato também que a vida na contemporaneidade e, particularmente, na cidade, vai se refazendo, vai se reorganizando. Se a gente for pensar, inclusive, no “Sul Global”... Quanto mais se integra de forma assimétrica num mundo global, mais as transformações vão sendo incorporadas de forma meio cubista. Então você tem, por exemplo, gestores, promotores de turismo, empresas querendo reproduzir uma ideia de turismo urbano lá da Europa ou dos Estados Unidos, de algo que foi pensado no renascimento urbano dos anos 1970, sobre uma base social, política e cultural completamente diferente. Como um Porto Maravilha⁴ que reproduz modelos dos anos 1950, 1960, 1970 da Europa e de alguns lugares dos Estados Unidos, reaplica uma fórmula, só que em solo e contexto outros. E as relações que se dão para além desses grandes projetos urbanos não estão previstas na cartilha dos grandes projetos urbanos que importaram. Então por isso que eu acho que temos situações urbanas um pouco diferentes, com alguma novidade, e que nos permitem e nos exigem estudar essa relação entre turismo e cidade de uma forma no mínimo cuidadosa, para não achar que a gente vai produzir situações de turismo como Barcelona conseguiu produzir.

Mas, ao mesmo tempo, não dá para ignorar que existe um Porto Maravilha em algum momento da história urbana do Rio de Janeiro, então você tem uma combinação de fatores que reproduzem, de um lado, uma lógica político-urbana muito bem conhecida, que se coloca numa realidade carioca brasileira com outros elementos; e, de outro lado, a fresta, o interstício, que vão ser os fatores relevantes porque é daí que a gente vai conseguir enxergar essas subversões, essas curiosidades, essas inteligências condizentes com a realidade urbana do Sul do mundo.

Camila Moraes: Retomando sua colocação sobre um questionamento aos grandes conceitos, às grandes narrativas estanques, indago se você tem dialogado ou se confrontado com o repertório teórico do lazer. Pergunto-me quais

4. Porto Maravilha é o resultado de uma Operação Urbana Consorciada celebrada sob o argumento da “revitalização” do centro da cidade carioca. Aprovado em 2011, é uma das maiores parcerias público-privadas já firmadas no Brasil, em termos de volume de investimentos e de impacto direto na sociedade.

seriam então os limites, considerando que a Sociologia do lazer, os estudos do lazer, delimitam esse campo entre turismo e lazer e entre turista e morador, o qual está justamente nessa fronteira turva, ou nessas frestas a que você vem se referindo.

Thiago Allis: Isso está sempre presente e costuma vir como contraproposição, do tipo: “Se você não tá falando de turismo, então você tá falando de lazer. Afinal de contas, se essa pessoa mora na cidade, no fundo você não tá falando de turismo, você tá falando de lazer”. Eu confesso que nunca mergulhei nas teorias de lazer com o devido cuidado até hoje. Elas estão na minha lista, eu dialogo com pessoas que trazem esse repertório, parceiros de pesquisa, mas de forma quase intuitiva. O elemento que eu costumo levantar é de que lazer pressupõe uma relação do indivíduo com o seu cotidiano e você pode praticar atividades de lazer fora do seu cotidiano, que se chamam turismo. Essa é a grande chave de leitura. Mas se a gente exclui o lazer praticado em viagem e nos concentramos nas atividades de lazer no cotidiano, eu acho que tem algumas categorias de atividades que precisam ser levadas em conta e, para mim, a questão da familiaridade, da regularidade, da repetição precisa ser bem observada. Porque uma coisa é fazer um passeio no final de semana nos mesmos lugares, ou praticar de forma regular atividades ditas de lazer sem o deslumbramento do novo porque ele domina aquele cotidiano. São atividades no tempo de não-trabalho e, potencialmente, portanto, de lazer. Essa é a teoria clássica. Nessa linha, se uma pessoa está numa cidade, na sua própria cidade, se comportando como turista - a ideia de *comportamento espacial* é muito interessante, né?- porque ele tem o mesmo deslumbramento ou um desconhecimento semelhante, ele se coloca na condição de curioso, de observador e desbravador da sua cidade e das coisas que não conhece. Assim, a única coisa que faz essa pessoa ser diferenciada de um turista na cidade é porque a definição da OMT (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO) não permite? E estou dizendo isso de uma forma muito intuitiva porque precisaria contar com algumas teorias de lazer mais robustas. Escapando dessa história da regularidade, da repetição, do familiar, e indo para as atividades de lazer que geralmente compõem a rotina de um turista, eu não consigo achar a fronteira assim muito nítida entre uma

coisa e outra. Sabe que as pessoas podem praticar atividades de turismo no seu chamado entorno habitual, né? Aquela ideia de que você pode ser turista na própria cidade, que é a expressão que muita gente gosta de usar e que eu até evito para não criar polêmica desnecessária. Mas no fundo, no fundo, o que a gente tá tentando rastrear é como essa grande cidade, tão diversa, tão grande e tão complexa, cheia de camadas, proporciona situações de turismo, mesmo para pessoas que não sejam moradoras de outro lugar. Esse é o argumento central e a gente precisa se debruçar sobre isso. É preciso empiria, observação, enfim, pesquisar, né? Fazer projetos e levantar elementos. A pesquisa que a Ana Carolina [Pádua Machado]⁵ fez sobre o Minhocão⁶ é nessa linha: ela foi conversar com as pessoas que praticavam quaisquer atividades sobre o Minhocão no momento em que ele não estava aberto para carros, e sim para pedestres. E aí as pessoas faziam esse raciocínio, de que eram como turistas, pois nunca antes tinham ido a esse lugar. As pessoas se manifestavam desse jeito.

Camila Moraes: Recentemente, você produziu textos sobre turismo de quarentena/ turismo de proximidade. Nesse sentido, você entende que o período de distanciamento social por conta da pandemia pela Covid-19 trouxe impactos para este cenário?

5. Atualmente estudante do curso de Doutorado em Sociologia na USP, Ana Carolina concluiu o Mestrado em Desenvolvimento do Turismo sob orientação do Prof. Thiago Allis em 2019. Para acessar o trabalho: MACHADO, Ana Carolina Pádua. **Para além de um viaduto: uma análise de usos e discursos sobre o Parque Minhocão.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Turismo). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100140/tde-02122019-160313/pt-br.php>>. Acesso em 1 mar 2023.

6. A Via Elevada João Goulart foi inaugurada em 1970 (então, com o nome de Elevado Costa e Silva) e, desde então, vem sendo objeto de críticas e debates na política urbana e na opinião pública. A partir dos anos 1990, passa a ser fechada regularmente para o tráfego de carros, ensejando usos não previstos e espontâneos que o assemelham a um parque urbano (corrida, caminhada etc.). Na última década, o debate ganhou outros contornos, com a previsão - sem definição de prazo - de sua desativação no Plano Diretor de 2014 e, em 2018, o reconhecimento oficial de sua condição de parque (Parque Minhocão) nos momentos em que o trânsito está interrompido.

Thiago Allis: Sobre turismo de proximidade, já havia textos anteriores. O primeiro que identifiquei é de 2012, de pesquisadores da Espanha, e vai na linha do *slow movement*, da ideia de não viajar para longe, de não se preocupar com um programa tão definido de viagem e que tem um recorte burguês, na perspectiva de que busca se diferenciar do turista de forma geral. Já no que se refere ao turismo de quarentena, foi muito interessante observar a euforia acadêmica: pesquisadores que estavam tentando definir, estudar e emplacar teorias. O que se produziu depois desse primeiro ano de pandemia era uma coisa explosiva porque, no fundo, no fundo, muita gente fazia as mesmas coisas e acrescentava o vídeo como intermediário na pandemia, ou simplesmente produzia manifestos e ensaios mais genéricos. No entanto, é fato que algumas práticas foram se colocando muito mais visíveis. Uma delas: as pessoas que têm condições de pegar a casa de campo ou de praia e passar de segunda a primeira residência, o que gera um contexto bem interessante de análise, pois esses não foram espaços pensados ou desenhados para o cotidiano. Às vezes são casas pequenas e não têm tanto conforto porque, afinal de contas, são voltadas apenas para o curto período das férias. Ao mesmo tempo, essa proximidade com a primeira residência também era estratégica, porque as pessoas estavam fugindo da cidade, fugindo da “praga”, ninguém sabia o que ia acontecer, mas o grande hospital estava na cidade, os recursos principais estavam na cidade, então tinha uma certa sensação de que se precisasse voltar correndo, dava. Essa segunda residência não poderia ser a uma distância de voo ou de três dias de carro. E, por fim, começa a aparecer uma nova população mais estável em ambientes que estavam, até então, desenhados para segunda residência. Com a pandemia, famílias, grupos sociais inteiros, se mudaram para Vinhedo, que é aqui perto de São Paulo, ou para São Roque. Isso gerou uma demanda por serviços interessantes até para quem já residia nessas cidades. Esses moradores, que eram os prestadores de serviço, também foram aqueles que se expuseram ao vírus, enquanto um outro grupo social (privilegiado) chegava para se isolar.

Eu e outros pesquisadores ainda estamos fazendo alguns levantamentos nesse sentido, sobre os impactos da segunda residência, que ainda estão em uma escala desconhecida, não planejada. Foram levantados alguns fatos novos.

Agora eu tenho conversado com muitos colegas de várias regiões do país e isso está na minha agenda de pesquisa: quais são os desdobramentos da pandemia nessa relação entre trabalho e lazer/turismo e trabalho? Como o *home office* foi se estendendo e foi se implantando definitivamente na vida das pessoas? Como isso muda o mercado imobiliário nas grandes capitais e fora delas? Como as rotinas agora são mais alongadas ou encurtadas em termos de lazer e trabalho? Sobre o mercado imobiliário, a gente pode falar, podemos identificar uma dinâmica nova nas regiões não metropolitanas.

Frank Davies: Ainda sobre a questão do turismo e as cidades e nas cidades, sua pesquisa de doutorado em Arquitetura e Urbanismo, defendida em 2012 na Universidade de São Paulo, explorou as condições e possibilidades do turismo urbano em São Paulo a partir da política de grandes projetos, capitaneada àquele momento por Operações Urbanas Consorciadas. Mais de uma década depois, é razoável considerar que o cenário do turismo urbano não se faz da mesma forma? Ou seria o caso de dizer o contrário; que estamos desde então estagnados em um mesmo mecanismo de condução de “boas práticas” que orientam o incremento das atividades turísticas em nossas cidades?

Thiago Allis: Primeiro de tudo, as conclusões em que eu cheguei na tese rejeitaram a hipótese. Ou seja, concluí que os grandes projetos urbanos aqui em São Paulo poderiam ser aproximados com a ideia de Operação Urbana Consorciada, que é um mecanismo previsto no Estatuto da Cidade. Mas São Paulo começa antes, começa a inventar esse modelo antes, eles têm pouca ou nenhuma relação com a territorialidade do turismo em São Paulo. Isso está lá na conclusão da tese. Tirando o centro da cidade, onde você tem superposição de alguns perímetros de intervenção urbana, inclusive operação urbana, mas não apenas, o resto da cidade basicamente serve para facilitar a expansão do mercado imobiliário especulativo. E aí o que tem de mais próximo em termos de turismo é o desenvolvimento de cadeias hoteleiras, que nada mais é do que uma forma do mercado imobiliário se reproduzir numa grande cidade como São Paulo. Então não é porque pusemos hotel pensando em turismo. É que hotel, de alguma forma, é um jeito de reproduzir o capital imobiliário e, de algum modo, isso se liga com turismo. Então foi essa a conclusão da tese: de

que não, os grandes projetos urbanos não estão dando muita bola ou objetivando o desenvolvimento do turismo, em São Paulo. É importante destacar que a ideia de grande projeto urbano não se restringe, do ponto de vista da sua concepção, às Operações Urbanas Consorciadas. Essa foi uma leitura que eu fiz da realidade paulistana. Aquele gigantismo ou exibicionismo dos projetos arquitetônicos com arquitetos de grife, isso não aconteceu em São Paulo. Na verdade, isso aconteceu, mas nos anos 1950, com o Niemeyer construindo o Ibirapuera. Eu saí frustrado dessa pesquisa porque ela era muito estática, eu pautei por alguns elementos fixos no espaço para tentar identificar marcadores do que seja um território turístico. E eu fui pelo óbvio: atrativos turísticos e meio de hospedagem. Então eu fiz mapas onde a gente pontuava os hotéis e os atrativos turísticos mais visíveis da cidade de São Paulo e não coincidia com o perímetro das Operações Urbanas, ou em parte coincidia, quando nós estamos falando de meios de hospedagem; mas em grande medida, não. Exceto no centro, onde uma boa parte dos atrativos estão lá, mas as Operações Urbanas também não foram pensadas para turismo. Então você tem esse desencaixe urbano. E o desenvolvimento da atividade turística aqui em São Paulo é muito particular. Não dá para comparar com o Rio de Janeiro ou com outros lugares. Mas a ideia de pautar a pesquisa de modo estático me incomodava. Como é que eu posso imaginar a ideia de que turismo acontece nesses espaços porque a oferta está aqui? Eu quero saber onde estão as pessoas e fazendo o quê, né? Aí que entra essa lógica das práticas dos indivíduos, o seu comportamento espacial definindo a característica turística do território, que muitas vezes pode estar muito distante dos atrativos turísticos oficiais, pode estar muito distante do hotel onde a pessoa se hospeda, pode nem estar em hotel, não se falava nem em Airbnb nessa época. E a gente não está enxergando isso, a tese não mostra isso, e isso era uma das coisas que eu decidi pesquisar depois da tese. Era isso que faltava. E, para isso, eu apresentei um projeto em que eu trabalhei com experiências de usar a tecnologia da informação para rastrear fluxos. Deu um pouco de trabalho, mas deu uns resultados parciais interessantes. No entanto, esse tipo de pesquisa foi caminhando para o Big Data e minha ideia era fazer esse rastreamento de forma mais artesanal, qualitativa, usando tecnologia da

informação para dar pistas de onde o turismo acontece de fato e que, muitas vezes, não é onde se supõe que aconteça. E aí, para responder a tua pergunta, sobre o que mudou; mudou que agora a gente talvez possa reconhecer essas situações intermediárias, essas situações não oficiais de turismo, olhar para as práticas turísticas para além da definição mais tradicional da OMT ou do que seja o território turístico, ou seja, onde se encontra a dita oferta turística. Então, se a gente aumenta a nossa capacidade de pensar a natureza do turismo em função das práticas turísticas dos sujeitos, o perímetro de uma Operação Urbana é só um elemento nisso tudo. Eu não acho que a lógica de operações urbanas ou grandes projetos urbanos tenha sido abandonada. Semana passada, eu participei de uma espécie de audiência pública aqui em São Paulo porque a Prefeitura voltou a pôr muita energia nessa história de requalificação do centro, com propostas que já definem perímetro de atuação e reuso de estruturas com incentivo fiscal, ou seja, isso volta à baila usando os mesmos mecanismos, olhando para essa coisa dos instrumentos urbanos de forma muito convencional. Então até que a audiência pública foi bem interessante porque os movimentos sociais apareceram, também dentro do esperado. Não tem nada muito diferente nisso, a fórmula parece que vai ser a mesma. O que eu acho que tem de novo, e eu estou falando do caso de São Paulo, não sei se isso é reproduzido para outras grandes cidades do Brasil, é que o mercado imobiliário hoje precisa do centro porque as oportunidades de investimento em larga escala com grande ganho nas bordas da cidade, nas periferias como o Minha Casa Minha Vida, que alimentava as construtoras, já foi. Nós estamos chegando num ponto em que esse desenvolvimento mais endógeno, digamos assim, virou um elemento de sobrevivência de continuidade, da reprodução desse capital imobiliário no centro. Então, o centro, nos últimos dez anos, entra na pauta das construtoras de novo, que passam a pressionar o poder público para dar alguma resposta condizente. A única coisa que eu acho que para São Paulo é novo é que o centro da cidade agora está recoberto de uma narrativa um pouco mais entusiasmada do que nos anos 1990 e começo dos anos 2000. Hoje você tem dezenas de cafés “transados”, baladas alternativas, restaurantes interessantes abertos nos terraços e *rooftops* e isso é novidade, e o centro ganha de novo essa centralidade que um

dia deixou de ter. Isso gera reações do poder público, geralmente em benefício de alguns setores, alguns grupos de pressão, e gera uma outra pressão sobre uma população em situação de rua que cresceu desde 2016. A Cracolândia volta a ser o grande assunto da cidade, mesmo sem nunca ter deixado de existir. Estava com um monte de gente vivendo nas ruas sem dignidade e agora volta a ser um problema a ser resolvido porque não dá para desenvolver o setor imobiliário, de entretenimento, cultura, lazer etc., com milhares de pessoas morando na rua. Acabei de fazer um projetinho de iniciação científica com alunos de graduação sobre essa volta ao centro. Então, junto com uma colega, mapeamos e tentamos articular a dinâmica do mercado imobiliário no centro a partir das campanhas promocionais dos novos empreendimentos. Nós reunimos folhetos, peças de propaganda na internet e no Instagram para fazer perfil dos empreendimentos. Também mapeamos novos cafés, restaurantes etc. No mapa, identificamos um eixo de desenvolvimento bem definido com cafés etc. ao redor dos empreendimentos imobiliários.

O que está por trás disso é que é preciso estimular de novo a opinião pública - especialmente certas faixas, que sejam consumidoras potenciais do centro - a reconhecer que o centro é um lugar interessante. Porque para vender apartamento é preciso criar situações que gerem uma vida agradável para uma classe média. Não adianta só ter apartamento e prédios interessantes, vende-se o composto agora. Essa concentração da vida no condomínio vertical, que define muito do mercado imobiliário até hoje, parece que ganha uma outra abordagem. Agora a gente vê isso pelos anúncios, a venda da vida cultural no centro, do bar que ficou famoso e dizer que você está a 300 metros do Teatro Municipal de São Paulo. Você tem uma certa instrumentalização do mercado imobiliário a partir de uma curiosidade que vai se produzindo em certos grupos que voltam a ocupar o centro e isso talvez seja uma coisa nova para São Paulo. Como fenômeno urbano não é novo no mundo, mas para São Paulo é interessante. A gente está tentando mapear, entender isso, olhando para essas manifestações de comportamentos. Quando você olha um folheto de empreendimento imobiliário, parece que ele está vendendo um destino turístico, porque é quase isso, você tem que atrair as pessoas para o centro. É turismo? Não. Mas

usam argumentos que são muito próprios da propaganda turística. E é por isso que eu sempre reforço essas misturas de comportamentos, de narrativas.

Frank Davies: Interessante ver que nos últimos anos esse vetor mudou. Esse investimento simbólico de positivar o centro passa por essa exotização. E eu acho que você tem razão, é a construção de um espaço de alteridade. Pois, supostamente, ninguém frequentava e agora frequenta a sorveteria, a pizzaria, os bares etc. Esses lugares cumprem o papel de fazer valer a pena a visita.

Thiago Allis: O que a gente está observando com esse mapa é que o vetor que começa na República e vai em direção ao oeste... Ou seja, há aquela saturação da República, tanto para novas construções quanto para novidades de todo tipo. Não tem mais espaço pra Casa do Porco, Tóquio ou La Guapa, já está saturado. Então você tem esse vetor se movendo em direção à Santa Cecília, à grande fronteira das “coisas diferentes” de São Paulo. E uma coisa que ninguém percebeu, e é por isso que nós estamos fazendo essa pesquisa, é que o bairro seguinte que fica para lá do Minhocão, que se chama Campos Elíseos e, ironicamente, foi o bairro mais sofisticado de São Paulo na virada do século xx, é onde se concentra hoje parte da assim chamada Cracolândia, ou seja, a gente tem uma fronteira de tensão e tensionamento. Eu acompanho os grupos na internet, no Facebook, a narrativa dos jovens descolados que um dia vieram para Santa Cecília. É que Santa Cecília ficou cara, não dá mais e estão indo para Campos Elíseos. Então você tem o esgarçamento dessa fronteira do bairro central diferente, barato, curioso, para além dele, porque agora ele já está sendo tomado pelas coisas convencionais, inclusive empreendimentos imobiliários. Então você tem uma sobreposição ou uma composição de tantos elementos, a narrativa turística e mesmo algumas práticas que se parecem com turismo e se somam a elas e se manifestam assim de forma muito sutil, às vezes. E isso é uma manifestação ou isso é um exemplo daquilo que eu falava há pouco: a gente tem que olhar nas frestas, sabe? A gente tem que olhar nos interstícios de fenômenos para tentar produzir teoria híbrida, né?

Camila Moraes: De maneira geral e aberta, como você avalia o efeito das mobilidades turísticas para as cidades na atualidade?

Thiago Allis: Como esses modelos “gringos” aterrizam de forma parcial,

né? Eles ganham uma *assemblage*, são híbridos, uma composição de inspirações estrangeiras na hora de você imaginar as cidades turísticas latino-americanas porque tem essa influência do que é uma cidade turística do norte do mundo, mas ao mesmo tempo tem toda essa profusão, essa confusão ou ruído. Enfim, essa diversidade de tantos processos que não cabem na lógica onde esses modelos de cidades turísticas nasceram, que é a cidade da Europa se reconstruindo no pós Segunda Guerra Mundial, com o investimento maciço na recuperação do patrimônio e reconstrução das cidades. As cidades como parque temático, né? Então pode até ter uma intenção, em alguma medida isso se reproduz aqui, mas quando a gente chega no dia a dia, no real, é a confusão mesmo - o que se coloca como grande tempero dessa coisa toda. Mas, se você, no fundo, olhar para as outras coisas que também se colocam nessa realidade latino-americana, e aqui também é uma super generalização, talvez aí estejam os elementos curiosos, o imprevisto, o informal, e às vezes até o ilegal, como elemento da vida cotidiana, que não se separa mesmo quando a gente tenta criar essa cidade como parque temático.

Essas fronteiras das intervenções urbanas podem ser arbitrárias, como a lógica dos grandes projetos, só que a vida cotidiana se impõe. Se a gente voltar um pouquinho naquela conversa de que tem turistas que não querem parecer turistas, de repente é esse cotidiano todo confuso, esse espaço rugoso, como diria Milton Santos⁷, que vai dar a graça e a beleza mesmo e as possibilidades de um turismo particular. É assim a história das mobilidades turísticas, e é até difícil ainda de estabilizar nomenclaturas, né, Camila? Porque quando a gente fala de mobilidades turísticas parece que existem mobilidades não turísticas. É quase como se mobilidade turística fosse sinônimo de turismo, e acho que isso a gente tem que cuidar também para construir as nossas argumentações.

7. A discussão sobre rugosidade em Milton Santos é extensa e se desdobra em diferentes momentos da obra do geógrafo. As, em linhas gerais, a rugosidade do espaço remete às temporalidades que se acomodam ao corpo material da cidade, levando em questão as permanências e dinâmicas de resistência que se acumulam no tempo presente. O livro *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, publicado em 1996, pode ser uma referência para aprofundar os sentidos da categoria elaborada pelo autor.

Mas o que interessa é o seguinte: a gente tá falando de fluxo de todo tipo. A gente sabe muito bem disso da teoria que nos informa e do fluxo de pessoas que não são tipicamente reconhecíveis como turistas todo tempo, né? Então, são esses trânsitos de todo tipo que de alguma forma produzem alguma possibilidade de atratividade ou possibilidade de se desenvolver turismo nessas cidades. E aí são duas questões: 1. Como que as mobilidades nos ajudam a compreender o turismo nas cidades?; 2. E qual é a particularidade que se observa na realidade latino-americana? Então, tudo isso que eu estava falando agora de mercado imobiliário, de política cultural de preservação urbana etc. gera um tanto de fluxos de elementos diferentes, e não apenas de turistas típicos.

Então acho que aí a gente tem um super caldo de referência para estudar todas essas complexidades usando as lentes das mobilidades, porque elas nos permitem isso com muita tranquilidade. sem a gente precisar se reportar a teorias ou conceitos cristalizados, como turismo, e explicar como esses fenômenos se processam. E quando a gente olha para as cidades latino-americanas, eu acho que é isso, né? É o que todos os latino-americanistas brasileiros nos dizem, é essa enxurrada de mundo, de globalização que se processa desde a ocupação colonial, de coisas que vão se produzindo na sua própria particularidade, principalmente a partir dos contrastes. Vemos esse passado glorioso, de alguma forma, no centro de São Paulo, e acho que em outras cidades também, de uma cidade que se pretendia afrancesada, ainda meio carcomida nas suas construções antigas e toda uma galera nova chegando com repertórios diferentes, circulando loucamente pelas redes sociais, projetando imagens, *instagramando* os lugares. E esses lugares *instagramáveis*, pensando nas (i) mobilidades, usando os ancoradouros como ferramenta analítica⁸, às vezes produzem os pontos

8. “Ancoradouro”, de acordo com o paradigma das mobilidades, refere-se aos fixos que estruturam e condicionam as diferentes formas de fluxo e controle de movimentos. Um exemplo de pesquisa que aplica o conceito de “ancoradouro” é o artigo de Apoena Dias Mano publicado em 2023, que explora as dinâmicas de “pacificação” na favela Santa Marta a partir da “vida social” da estátua do cantor Michael Jackson, instalada na localidade. Para acessar o trabalho, ver: MANO, Apoena Dias. “A vida social da estátua de Michael Jackson na favela Santa Marta, Rio de Janeiro: uma perspectiva

adequados que geram uma certa conexão de certos grupos com certos lugares, mas é parcial. É a volta ao centro *pero no mucho*, ou seja, são alguns lugares, algumas situações, com algum distanciamento, mas que permite a *selfie*, é para o Instagram, e isso é parte do processo, né? Se isso é o “legal”, é o “divertido” de hoje, nessas cidades tão truncadas como a que a gente vive, é essa parte das mobilidades em direção ao centro da cidade, por exemplo, que agora são uma novidade. E isso vai permitir interações plenas, orgânicas das pessoas? Eu não sei, acho que não, mas esses são fluxos diferentes, um pouco de gente, um pouco de imagem, um pouco de informação, um pouco de coisa que vai pelas redes, um pouco é o corpo que vai até o centro e ocupa um certo lugar.

E é aí que entra a história da altura em que eu trabalhei um pouquinho na tese de livre docência, e acho que é interessante tentar investir nisso. Esse olhar a cidade por cima, trabalhar as verticalidades, é a possibilidade de divisar do alto uma forma cosmopolita. Assim, em uma grande cidade, você dizer que está no centro, mas não tá bem no centro... Porque você tá lá em cima no *rooftop*, você tá lá em cima no Copan, no mirante. É um contato muitas vezes fugaz com a dureza e a densidade desses territórios do centro super complicados, porque são, mas ao mesmo tempo em que permitem acesso a certas dimensões em altura que possibilitam dizer que você tá indo ao centro, portanto, você vai se diferenciar de uma galera que não aceita o centro porque o centro sempre foi perigoso etc. “Imagina! Eu fui lá, olha eu aqui, né?”. Então acho que tem esse paralelo com o espaço em suspensão que é o que eu chamei na tese de suspender do nível do chão, é um jeito de você tolerar se você não está acostumado, familiarizado ou disponível para mergulhar de verdade na complexidade do centro da cidade e que, de alguma forma, vai influenciando o processo. Então, o que eu estudei lá na tese de livre docência foi essa coisa da *airbnbização* de dois edifícios icônicos do centro da cidade em que as pessoas vão passar às vezes horas - tem gente que aluga por horas para fazer ensaio fotográfico, para fazer festa de aniversário, ou então só para passar o fim de semana- porque você tá no edifício icônico projetado pelo Oscar Niemeyer, mas tá lá em cima. Você está ensimesmado nessa coisa de que você pode ficar

móvel sobre regimes de valor”. *Etnográfica*, 27(1) | -1, 137-159, 2023.

lá dentro. Nas entrevistas com algumas pessoas que vendem esses edifícios, eles mesmos falam que lá tem tudo, tem a pizzaria, tem o bar, tem até locadora de DVD ainda, imagina, que é meio *vintage*. Tem a livraria Mega Fauna, tem o Dona Onça, então é um pouco mesmo do delírio modernista do Niemeyer, de fazer uma comunidade autônoma. E isso reverbera agora, no tempo presente, das pessoas quererem ter experiências momentâneas de viver a cidade ali de dentro e do alto. E de dentro e do alto é importante. Não é qualquer ida ao centro, não é uma foto na frente da Catedral da Sé ou um passeio pelo Viaduto do Chá. Você tá no ambiente mais ou menos controlado, mais ou menos seguro, que te dá algum tipo de capital porque você disse que foi ao centro, que você fez coisa diferente, mas com alguma blindagem da dureza dessas cidades. Eu acho que isso é muito particular da realidade latino-americana e não acho que vai deixar de ser tão cedo, se a gente não pensar em outro sistema de mundo.

Camila Moraes: Bom, nos parece que essa pesquisa de pessoas que têm experiências até de horas às vezes no Copan são pesquisas que só são possíveis com esse repertório das mobilidades, é isso? Que o repertório do Turismo não seria suficiente ou do Lazer talvez não fosse suficiente, pois é essa interdisciplinaridade que a gente vê nas mobilidades, seria isso?

Thiago Allis: É isso, com certeza a gente construiu uma lógica de pesquisa que não parte do princípio de turismo e turista do jeito que a gente sempre estudou. Por causa da complexidade e das possibilidades que a cidade apresenta - e olha que eu não entrei em tanta discussão do ponto de vista social, do centro com todas as mazelas, e isso é uma coisa que eu me cobro e não fiz, eu fiquei da porta de dentro dos prédios, porque já era tanta coisa! Mas é claro que isso dialoga com os problemas que estão da porta para fora e com todas as condições que produziram esse centro de hoje. Mas o ponto de partida é: se eu não me pauto por qualquer inspiração de turismo que não me prenda a essas definições clássicas, as possibilidades de se estudar turismo numa grande cidade como São Paulo são muito mais interessantes. No mínimo, são muito mais amplas. Eu fui tentar entender um pouco a narrativa que estava se construindo ao redor ou em função desses novos pontos de atração, em lugares com edifícios icônicos e essencialmente altos de São Paulo. Eu não consegui chegar ao ponto de conversar com os próprios hóspedes ou usuários desses espaços

porque, de fato, era uma questão prática assim de recorte, mas eu estudei os comentários, os anúncios do Airbnb, os anúncios de venda, como que o dono do apartamento vendia aquele apartamento e depois os comentários que as pessoas faziam sobre esses mesmos anúncios. Essa era uma forma de tentar pegar um pouco da reação de quem circula por ali, e eu conversei com outros agentes que colocam seus apartamentos para aluguel e alguns produtores de conteúdo. Então era uma forma de tentar entender o que estava se processando dentro desses edifícios tão antigos. Mais especialmente o Mirante do Vale, que é um outro edifício que pouca gente de São Paulo sabe que existe. Para mim é muito mais interessante o que acontece ali em relação ao Copan, porque imagina um prédio comercial em que as pessoas começaram a comprar as unidades porque são baratas para fazer de casa e, para todos os efeitos, na prefeitura é um prédio comercial com 1700 escritórios de 37 m², esse é o número. E as pessoas compram dois, derrubam a parede, enfim, qual é a graça disso? Ele é alto para cacete! Ele era um dos mais altos de São Paulo até ontem, ele tem um visual de São Paulo que nenhum outro tem, e eu acho que é uma das vistas mais interessantes em São Paulo e tava esquecido. E por que esses edifícios? Por que eles são pontos de atração contundentes nesse processo de atração do olhar de novos usuários para o centro da cidade? É diferente daquele mercado imobiliário que quer vender apartamento para fazer dinheiro etc. Estamos falando de coisas que já existem, já são reconhecidas e proporcionam experiências de uma forma diferente no centro, então é quase como se fosse um operador do “Olhar do Turista”,⁹ digamos assim, viabilizador. Melhor dizendo, do olhar do turista, quem quer que seja esse turista. E aí você vai explorando

9. O olhar do turista, livro escrito pelo sociólogo inglês John Urry em 1990, tornou-se um clássico nos estudos da Sociologia do Turismo, tendo sua primeira tradução no Brasil em 1996. Uma versão mais recente da obra atualiza temas e problemas da produção original, em escrita de coautoria entre Urry e Jonas Larsen. Intitulado *O olhar do turista 3.0*, a nova edição para o público brasileiro foi um projeto editorial de Thiago Allis e Bianca Freire-Medeiros, lançado em 2021 pela Editora SESC. Para conhecer o trabalho de John Urry, a entrevista do autor foi publicada em 2011 pela Revista Estudos Históricos. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/3546/2243>>. Acesso em 3 maio 2023.

junto a essas pessoas que alugam, os comentários, entendendo um pouquinho do ecossistema que está por trás dessa nova paleta de possibilidades, né? Você vê que o alerta do turista está constituído na prática, na intenção, no desejo, independentemente de onde essas pessoas morem. Então as mobilidades, de alguma forma, elas dão essa liberdade, elas criam esse chão amplo e diverso para você assentar certas questões e temas de pesquisa para além do que muitas vezes as áreas de origem pretendem. E, no nosso caso do Turismo, é muito típico isso. Então, trazer toda a discussão do ponto de vista da Sociologia, que é a grande referência de origem para as mobilidades, é um jeito de me libertar dessas definições.

Independentemente de qualificar perfil de turistas, nichos de mercado, apontar que tem um fenômeno acontecendo que ninguém tá olhando para ele... isso é uma das coisas que mais me animavam e estava acontecendo debaixo do nariz. Era uma oportunidade de registrar, de forma adaptada mesmo, um processo que estava se constituindo e não vai parar, e não vai parar a história dos *rooftops*, da altura etc., mesma coisa o *retrofit* de edifícios antigos. Então, foi legal analisar um componente desse movimento que tem a ver com o olhar do turista, independentemente daquela caracterização do sujeito dentro das definições clássicas de turismo, e se soma a parte de processos urbanos, mais amplos e densos que dizem respeito a essa volta ao centro, como eu chamei na tese. E é por isso que precisa de uma lupa para selecionar, pegar e concentrar naqueles elementos que são pertinentes ao que é do turismo no meio de um monte de outras coisas que estão acontecendo. E isso, mais uma vez, é uma manifestação de um estudo que relaciona o turismo com a cidade.

Camila Moraes: Também no ano passado, você e Bianca Freire-Medeiros organizaram o lançamento pelo SESC da tradução do Olhar do Turista 3.0. A tradução conta com dois capítulos de autoria de vocês dois que apresentam o exemplar, além da valorosa revisão e adaptação para o público brasileiro com mapas e fotos que nos ajudam a compreender os casos analisados por John Urry e Jonas Larsen. Quais seriam os principais avanços teóricos entre o olhar do turista 1.0 e o 3.0 e a contribuição para os estudos urbanos, do turismo e das mobilidades?

Thiago Allis: Queira ou não, O Olhar do Turista pode se apresentar como uma teoria de referência para os estudos de turismo ancorados na Sociologia, mas que deriva aí para um conhecimento específico acerca das mobilidades. Então, falar do olhar do turista não é banalizar e, sim, usar propriamente uma teoria ou, pelo menos, uma categoria de análise, fundante para o trabalho da livre docência, porque falar desse olhar permite pensar essas dimensões de turismo para além das definições clássicas de turista. Então, é menos o sujeito definido e mais aquilo que define seu lugar no mundo, seu jeito de ser, olhar e reproduzir o mundo. Aí vem todos os elementos das redes sociais, do instagrável, de produzir e revender uma narrativa pró-turismo de forma diluída, disfarçada. Então, não tem como falar dessa tese de livre docência sem reconhecer o olhar do turista como categoria de análise, pelo menos central, para se pensar turismo e cidade, por acreditar que essa ideia que tá por trás do livro e toda a construção que se fez ao longo de três edições do livro, que valiam a pena ser atualizadas também na sua tradução pro Brasil. Está lá na abertura do livro, na apresentação que eu fiz e na que Bianca, como ele (JOHN URRY), acabou se relacionando com o Brasil e da importância da obra na construção do pensamento turístico no Brasil, no momento em que a gente era carente de obras traduzidas, nos anos 1990 início de 2000. Não por acaso, foi super importante na formação do pensamento sobre o turismo, no ensino de turismo, e o livro continua sendo usado numa tradução que guarda suas falhas e em cima de uma edição sobre a qual iria aparecer um monte de outras coisas novas e super interessantes. Para um leitor não especializado não tem nada de mobilidade, mas, para leitores especializados, é possível identificar essas origens das mobilidades como escola de pensamento. E fomos até o SESC, que traduziu a primeira edição, e explicamos que muita coisa aconteceu entre 1990 e 2011, data da primeira publicação da terceira edição, que é quase um livro novo e que seguia sendo referência nos estudos de turismo no Brasil, mesmo com uma tradução desatualizada. O Sesc de São Paulo é sempre muito atento e entusiasmado com temas de turismo, tem o Núcleo de Turismo Social e um núcleo de pesquisadores - o Centro de Pesquisa e Formação (CPF). Eles aceitaram a ideia e Bianca e eu ficamos incumbidos não de traduzir, mas de fazer essa revisão

técnica e curadoria. Foram muitas leituras e discussões sem fim sobre traduzir *embodiment* ou as traduções de *hospitality*, que no mundo anglófono significa outra coisa em relação ao mundo latino, digamos assim. A partir da França então... tem horas que *hospitality* é hospitalidade mesmo, mas tem horas que é hotelaria e o tradutor não faz muitas vezes essa distinção. Assim, atento a essas coisas, fazendo algumas notas de rodapé, conversando com uma pessoa ou outra para precisar alguns mapas que nós pedimos que o Sesc financiasse, pois foi uma cobrança que fizemos sobre a primeira edição: nós não temos que partir do princípio que estudantes de graduação do Brasil têm alguma ou qualquer familiaridade com a geografia britânica, mas é importante entender o nascimento do turismo moderno lá nos Balneários dos ingleses e não só uma coisa provinciana de entender a realidade britânica. Vamos ajudar esses estudantes a localizar esses lugares nos mapas e conduzir esse processo de aprendizado muito cuidadoso nesse processo de tradução e revisão, além de novos conteúdos cartográficos e imagens. Tinha lá algumas limitações de fotos do terceiro livro que não puderam ser mantidas, então a gente manteve algumas porque eram do Jonas Larsen (coautor da terceira edição), e a editora conseguiu autorização expressa dele, e outras são fotos minhas e da Bianca, inclusive dos lugares, de Blackpool e Morecambe, os balneários próximos a Lancaster (citados no livro). Com essa nova obra, a gente tem um livro que as pessoas voltam a ler com entusiasmo e atualizado, que abarca toda essa discussão de mobilidade de forma muito mais explícita. E, para nós, para Bianca e para mim, era um ponto de partida para fazer isso de plataforma para continuar expandindo o debate sobre mobilidades para além do que o próprio livro encerra.

Recebido: 24/03/2023

Aceito: 15/05/2023